

*Variação da Palavra *Isóg* (Eu) em Terras Indígenas Kaingang do Paraná: um Estudo Diatópico*

Damaris Kanĩnsãnh **FELISBINO***

Marcelo **SILVEIRA****

* Mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina - UEL (2021). Docente no Colégio Estadual Indígena Benedito Rokag. Contato: damariskaninsanh91@gmail.com

** Doutorado em Letras - Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo - USP (2007). Docente na Universidade Estadual de Londrina - UEL. Contato: celosilveira@uel.br

Resumo:

Este trabalho apresenta uma análise de como é pronunciada a primeira pessoa do singular *isóg*, realizada de quatro maneiras diferentes: *isóg*, *sóg*, *só*, *ijóg*; as duas primeiras variantes são consideradas padrão e as duas últimas, variantes não padrão. As formas padrão da língua foram definidas pelos próprios falantes e são consideradas a variação conservadora. Trata-se de uma experiência na pesquisa geolinguística, que tem como foco a variação desse termo em algumas Terras Indígenas (TI) localizadas no Paraná. Para a realização deste trabalho foram selecionados colaboradores das Terras Indígenas Apucarantina, Barão de Antonina, Mococa (que pronunciam *isóg*), Queimadas, Ivaí, Faxinal, Marrecas (*ijóg*) e Rio das Cobras (*só*), sendo que *sóg* não foi pronunciada por nenhum dos colaboradores. A análise foi feita a partir de transcrições de conversas gravadas em áudio pelo aplicativo WhatsApp, adequação metodológica necessária devido à pandemia do coronavírus. Com base nos pressupostos da Geolinguística, foram escolhidos um homem e uma mulher de cada terra indígena para esse estudo regional. Os resultados obtidos foram que ocorre variação fonológica na palavra *isóg* (eu), nas TIs situadas no sul do Paraná, em relação à variante considerada padrão.

Palavras-chave:

Varição diatópica. Pesquisa geolinguística. Língua Kaingang.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 25, n. 3, p. 49-65, dez. 2022

Recebido em: 01/04/2022

Aceito em: 27/09/2022

Variação da Palavra *Isóg* (Eu) em Terras Indígenas Kaingang do Paraná: um Estudo Diatópico

Damaris Kanĩnsãnh Felisbino;
Marcelo Silveira

INTRODUÇÃO

A “Língua, história e cultura caminham sempre de mãos dadas e para conhecermos cada um desses aspectos, faz-se necessário mergulhar nos outros, pois nenhum deles caminha sozinho e independente” (ABBADÉ, 2006, p. 716). Iniciamos esta introdução com a citação de Abbade para enfatizar a importância de estudar uma língua, com o intuito de registrar seu funcionamento, não somente de línguas com milhões de falantes, mas também, e com urgência, línguas minoritárias que vêm diminuir proporcionalmente o número de falantes a cada geração que passa, a despeito do número crescente de descendentes de algumas das etnias dos povos originários do território brasileiro.

Como todas as línguas apresentam variações internas, os próprios falantes de uma língua prestigiam ou marginalizam as suas variantes. Coseriu (1987, p. 54) afirma que a norma é “variável, segundo os limites e a índole da comunidade considerada”; assim, ele delimita quatro formas de variação: diatópica, relacionada à questão geográfica; diacrônica, relacionada às variações no tempo; diastrática e diafásica, relacionadas à questão social (segundo as variáveis sexo, idade, escolaridade), a primeira voltada aos grupos sociais e a segunda, ao contexto comunicativo.

O termo *variação* não traz em si conotação de valorização. Segundo Trask (2004), variação é a “existência de diferenças perceptíveis no modo como uma língua é usada numa comunidade de fala”. Labov ([1972]), por sua vez, entende que variantes são formas diferentes de dizer a mesma coisa em contextos iguais. Ou seja, tanto popular quanto tecnicamente, não há uma variante melhor do que a outra; o que há são usos adequados/inadequados, definidos socialmente, a cada situação em que a língua é realizada. Para caracterizar essas variações podemos dizer que a variante de uma língua ocorre por falantes de um grupo de pessoas, uma comunidade de fala. Com isso, temos a variante relacionada à faixa etária, ao sexo, à geografia, às camadas sociais.

Assim, neste trabalho, analisamos a variação da palavra *isóg* (*eu*) falada pelos Kaingang no Paraná, pois, como é habitual em todas as línguas naturais, o Kaingang também vem passando por mudanças linguísticas. Outro motivo que se nos apresenta é o fato de haver pouca pesquisa geolinguística de línguas indígenas e por a língua Kaingang estar localizada nos três estados do sul do Brasil, além de no estado de São Paulo, apresentando “alto grau de variação diatópica” (NIKULIN, 2020, p. 14). Esses dois fatores – as mudanças linguísticas em curso e a distância geográfica entre as TIs – são motivos que nos trouxeram a essa vertente dos estudos linguísticos voltados à língua Kaingang.

Por causa da pandemia do coronavírus, a metodologia de coleta do *corpus* precisou ser adaptada. Para poder fazer a pesquisa de campo, foi necessário localizar os consultores indígenas a partir do aplicativo WhatsApp, para então podermos fazer as análises do fenômeno a ser investigado. Isso foi possível, pois um dos autores é Kaingang, habitante da TI Apucarantina (Tamarana-PR) e conhece pessoas das demais Terras Indígenas do Paraná.

Introduzidas as ideias iniciais da pesquisa, discorreremos sobre as bases teóricas necessárias para realizar a pesquisa a respeito do fenômeno a ser analisado, bem como a metodologia adotada, para, em seguida, verificar sua ocorrência na língua Kaingang. Na sequência, apresentamos os principais resultados a que chegamos, seguidos das legendas usadas nas glosas, as referências bibliográficas e o apêndice.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Segundo Silva (2007, p. 11), “A lingüística é a ciência que investiga os fenômenos relacionados à linguagem e que busca determinar os princípios e as características que regulam as estruturas das línguas”, que são estudos sobre como funciona a língua em uso.

Entre esses fenômenos que a Linguística estuda estão as mudanças que acontecem na realização da língua. Há mudança no tempo, mudança em situações sociais, mudança que ocasiona a diferença entre a língua escrita e a falada, entre formalidade e informalidade. Assim, a Sociolinguística surge com o intuito de estudar as variações linguísticas que acontecem nas sociedades.

A Sociolinguística estuda especificamente a língua falada e sua relação com a sociedade. É uma área multidisciplinar, porque aborda os estudos sociológicos, culturais e antropológicos. A língua muda de acordo com a situação sociocomunicativa e com a localização geográfica, diversidades essas que podem ser estudadas, respectivamente, pela sociolinguística e pela dialetologia. Para realização deste estudo, trabalhamos com a dialetologia.

A dialetologia surgiu no século XIX. Sua principal preocupação foi descrever e registrar as variações regionais no Brasil.

Cardoso e Mota (2017, p. 4) tratam das primeiras publicações a respeito desse tema:

Os estudos dialetológicos no Brasil, embora tenham contado, desde o século XIX, com alguns levantamentos, em geral referentes ao léxico, e trabalhos pioneiros sobre determinadas áreas, como, entre outros, os de Amaral (1920), Nascentes ([1922] 1953), Marroquim ([1934] 1996), estabelecem-se definitivamente como campo de pesquisa para o conhecimento da realidade linguística brasileira com a publicação do Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB, na segunda metade do século XX (Cf. Rossi 1963).

Esses trabalhos do APFB foram registrados em atlas monodimensional, porque apresentam dois colaboradores de cada localidade sem considerar as variáveis sociais. Eles abordam a variação linguística em diferentes regiões geográficas no Brasil. Com trabalhos que usam esse tipo de metodologia surgiu a concepção de isoglossa, que é uma linha imaginária traçada em um mapa, no intuito de estabelecer os limites geográficos dos fenômenos linguísticos. “As isoglossas podem ser classificadas segundo a natureza do fenômeno linguístico mapeado: as isoléxicas, que delimitam a variação lexical em uma determinada região; as isófonas que, por sua vez, referem-se à variação fonética etc.” (RAZKY; GUEDES; COSTA, 2018, p. 129).

Segundo esses pesquisadores, a questão de que “isoglossas têm se tornado obsoletas para a representação da realidade da variação linguística [...] uma vez que a homogeneidade que essas linhas imaginárias se propunham a representar tem se tornado, cada vez mais, dados históricos” (RAZKY; GUEDES; COSTA, 2018, p. 129).

Isso acontece porque a sociedade sofreu transformações e passou a ser globalizada, com isso as pessoas tiveram mais acessos aos meios de comunicação e assim ficou mais forte a interação entre elas. A partir disso, observa-se uma diluição das fronteiras geolinguísticas, que antes eram representadas pelas isoglossas, principalmente entre as regiões que estão mais urbanizadas e com maior acesso a meios de comunicação e transporte.

Em uma de suas considerações, Aguilera (2006, p. 235) diz que “esses movimentos em direção aos estudos dialetológicos e à geolinguística regional e/ou estadual abrem novas perspectivas de estudos nas universidades brasileiras”, assim como abriu caminhos para os indígenas pesquisarem a própria língua, pois,

por muito tempo, foram objetos de estudos, mas hoje são protagonistas das próprias pesquisas, pois veem o interesse de indígenas na área da linguagem. Como disse ainda a autora,

Acredita-se que seja o momento de muitas delas passarem a diversificar o foco de interesse dos novos pesquisadores, despertando-os para a busca das raízes da língua falada no Brasil e de sua história ao longo dos últimos quinhentos anos, que podem ser encontradas, com muito mais força, na linguagem oral de falantes rurais mais idosos e moradores de comunidades mais afastadas (AGUILERA, 2006, p. 235).

Como se trata de um trabalho dialetológico, necessário se faz definir a *variação diatópica*. A variação diatópica está relacionada às variações linguísticas observadas entre falantes em ambientes geográficos diferentes (CARDOSO, 2010).

Este é mais um trabalho que desperta o nosso interesse, pois, assim como todas as línguas variam, a língua Kaingang também tem apresentado suas mudanças. Lembramos que os Kaingang são um dos povos indígenas mais populosos no Brasil. A língua pertence à família linguística Jê e os falantes estão localizados, principalmente, na região sul do país. A região que será o alvo da nossa pesquisa é o Paraná, onde há 17 terras indígenas (TIs) demarcadas pelo governo federal, nas quais a maioria dos habitantes fala o Kaingang.

Entre essas terras indígenas demarcadas, pesquisamos oito TIs, para dar início a esta pesquisa, principalmente em razão da quantidade maior de contatos que temos nessas localidades. Pretendemos, porém, futuramente, abranger todas as TIs do Paraná e, num próximo passo, alcançar os demais estados.

As terras indígenas analisadas são: Apucarantina, Barão de Antonina, Queimadas, Marrecas, Mococa, Ivaí, Faxinal e Rio das Cobras. Foram consultados dois falantes de cada localidade, cuja primeira língua é o Kaingang: um homem e uma mulher.

Nosso objeto de análise a respeito da língua em questão é a palavra *isóg* [iʔʃɔg], variante padrão da língua, junto com *sóg* [ʃɔg], pois notamos que em algumas TIs os Kaingang utilizam essas variações; tais palavras significam *eu* em português. A seguir, trazemos as observações das falas dos Kaingang de cada TI.

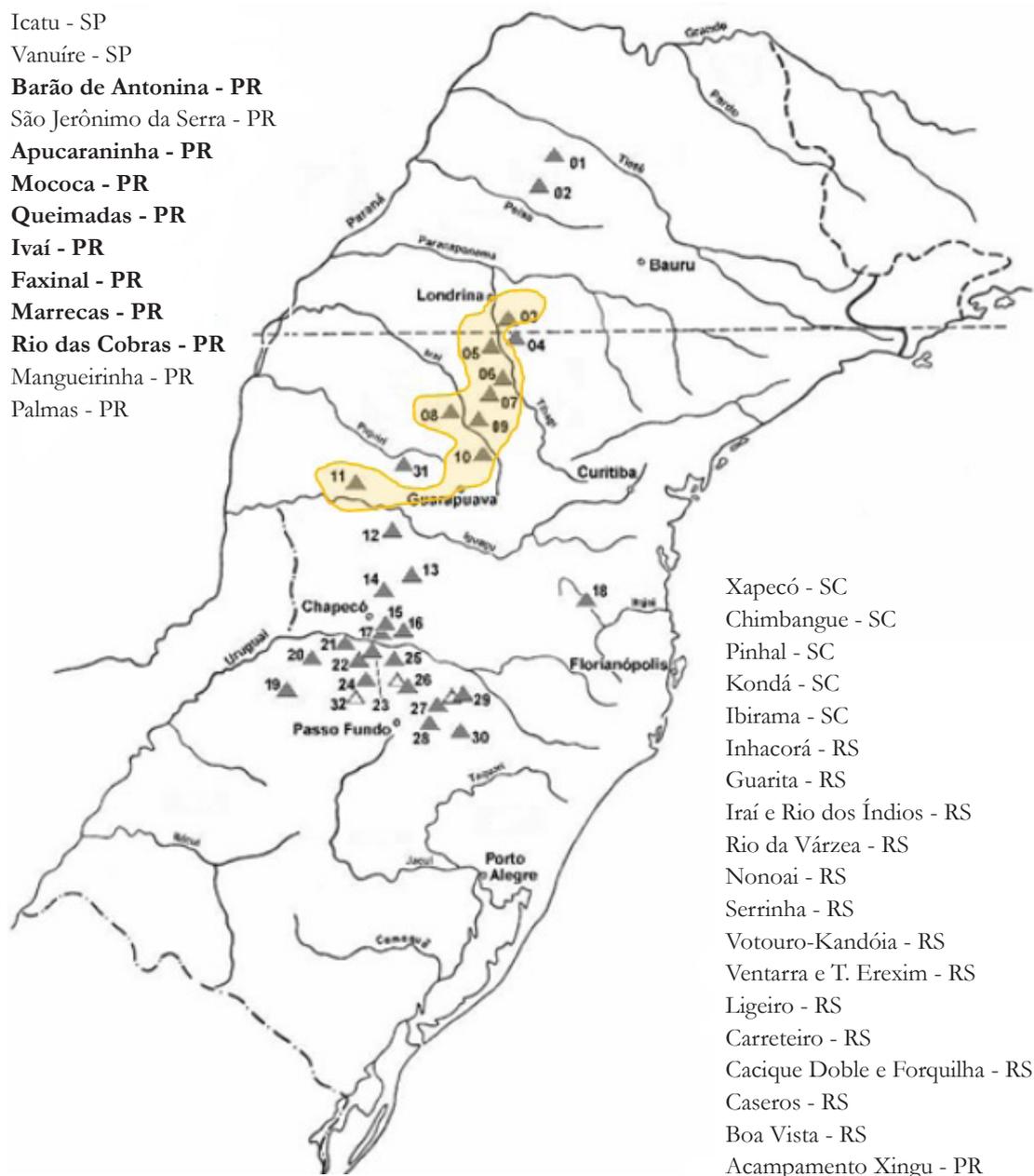
Com relação à faixa etária dos colaboradores escolhidos para esta pesquisa, todos são adultos, chamados de *kygrū ag* (adultos) / *tytāg fag* (adultas) (que estão na faixa etária entre 21 e 54 anos); é nossa intenção fazer a mesma pesquisa também com crianças (1 a 10 anos), chamadas de *gĩr ag*, adolescentes (11 a 16 anos), chamados de *kygrū kāsir ag* (adolescentes masculinos) / *tytāg kāsir fag* (adolescentes femininas), jovens (17 a 20 anos), chamados de *ũn sanh ag*, e idosos (55 anos em diante), chamados de *kófa ag*, que se traduz por velhos, palavra que não tem qualquer conotação negativa para os Kaingang, ao contrário, é motivo de orgulho, pois são a fonte de conhecimento da comunidade. Este trabalho mostra em quais regiões do Paraná há essas variações.

Uma dificuldade, porém, se apresentaria desde a ideia inicial de fazer esta pesquisa: em que nos basearíamos para dizer qual é a variante padrão da língua Kaingang? Sendo assim, buscamos, em entrevistas com moradores e professores das três escolas da TI Apucarantina as considerações deles a respeito dessa norma considerada padrão, que chamamos de variante conservadora. Tal atitude de nossa parte busca descolonizar metodologias para dar mais voz ao povo indígena (SMITH, 2018), além do que privilegia a cultura, visto que o fazer coletivo é muito importante para os Kaingang.

2. METODOLOGIA

Apresentamos o mapa dos estados do Sul e São Paulo, com as TIs onde habita o povo Kaingang, circundando as paranaenses e negritando na legenda os nomes daquelas que foram pesquisadas.

Figura 1 - Mapa com as TIs Kaingang.



Fonte: adaptado de D'Angelis (2007).

As variantes conservadoras, como dito na Metodologia, foram buscadas com os próprios falantes, escolarizados ou não, em entrevistas presenciais. A partir daí, pudemos identificar as variantes mais atuais.

A coleta do *corpus* foi realizada, principalmente, por meio da participação em conversas em áudio de um grupo de WhatsApp, cujos componentes são moradores das TIs escolhidas para a pesquisa. Como, na pesquisa, não houve possibilidade de recolher o registro em áudio de dois falantes (um homem e uma mulher) de cada TI, precisamos de indicações para entrar em contato oral, via WhatsApp, com os faltantes, completando, assim, a coleta.

À medida que fomos coletando os dados, demos início às transcrições, que são apresentadas neste trabalho, junto de suas respectivas traduções. Nas transcrições, negritamos os termos que nos propusemos pesquisar, a fim de apresentar os resultados.

Usamos a letra *K* para representar o colaborador Kaingang e uma numeração em algarismos arábicos para identificá-los individualmente. A palavra *Pesquisadora* foi usada nas transcrições e representa a fala de um dos autores, por ter sido quem efetivamente dialogou com os demais participantes.

Os diálogos estão listados juntamente com sua tradução, no corpo do texto. A repetição dos diálogos, com as glosas, está no apêndice do artigo.

A ordem de apresentação das falas dos colaboradores segue a mesma ordem listada na legenda do mapa apresentado na Metodologia deste trabalho, a saber, Barão de Antonina, Apucarantina, Mococa, Queimadas, Ivaí, Faxinal, Marrecas e Rio das Cobras.

3. ANÁLISE

Neste tópico, trazemos inicialmente os dados dos colaboradores participantes desta pesquisa, dados estes que estão em um quadro composto pela identificação do(a) colaborador(a), o gênero e a TI à qual pertence; lembramos que a faixa etária de todos os colaboradores está entre 21 e 54 anos, adultos, portanto. Na sequência, apresentamos os excertos contendo o foco desta pesquisa: o uso da forma *isóg* e *sóg*, consideradas padrão, e suas variantes *jjóg* e *só*. Tais formas se tratam do pronome pessoal de primeira pessoa do singular.

Os primeiros dados apresentam a palavra *isóg* [i'ʃɔg] sendo usada quatro vezes por K1.

K1	Gênero: Masculino	TI: Barão de Antonina
-----------	--------------------------	------------------------------

K1: *Inh hã vễ gé siri, k̄y isóg siri ajag mré vĩ vãnh han gé m̄yn siri.*

‘Sou eu de novo, então eu demorei falar com vocês.’

K̄y isóg siri rãnrãj j̄egtĩ gé siri.

‘Eu tenho um trabalho...’

K̄y isóg siri inh kãkutẽ k̄y ajag mré vēmén nam ki gé siri.

‘Então, estou falando com vocês quando eu saí...’

K̄y isóg “Ajag m̄y há kara?” henh siri...[...]

‘Então vou perguntar “Vocês estão bem?”. [...].’

O colaborador K2 também usou, em três ocasiões, a forma padrão *isóg*.

K2	Gênero: Feminino	TI: Barão de Antonina
-----------	-------------------------	------------------------------

K2: *Ajag mré isóg si vēmén m̄an na ki gé hamẽ siri.*

‘Estou falando com vocês de novo.’

Hara isóg siri tag kã nĩ n̄g gamẽ, inh ãn kã ham.

‘Mas estou aqui sentada, em minha casa.’

sinane tá kãt̄g k̄y isóg si nĩ n̄g gamẽ.

‘Estou vindo da cidade.’

Topẽ jé ajag ve há hán ajag n̄yt̄g já kara tá hamẽ. K̄y hã vễ.

‘Que Deus cuide de vocês onde vocês moram. Então é isso.’

Assim, ambos os colaboradores da TI Barão de Antonina usaram a forma padrão mais longa, *isóg*.

Os colaboradores da TI Apucarantina, assim como os de Barão de Antonina, também preferiram a forma *isóg*, a despeito das outras variantes.

K3**Gênero:** Masculino**TI:** Apucarantina

K3: *Ajag m̃y há kara irmão, irmãs? Ũri kurã tag to Topẽ jé ajag ki r̃r hamẽ.*
 ‘Irmãos, irmãs vocês estão todos bem? Que Deus possa cuidar de vocês nesse dia.’

Kỹ isóg ajag m̃y tag tóm mamẽ. Kỹ isỹ ajag m̃y nén tónh ke mũ tóg ge nĩ hamẽ.
 ‘Então, eu estou falando isso. Então é só isso que quero falar.’

K4**Gênero:** Feminino**TI:** Apucarantina

K4: *Grupo ajag m̃y há kara? Vãhã isóg ki vĩ mãn na k̃g gam. Jag m̃y há?*
 ‘Todos vocês estão bem, grupo? Agora que estou falando aqui de novo. Vocês estão bem?’

Hỹ hỹnỹ, he isóg!
 ‘Eu acho que sim, acho!’

Da mesma forma que em Barão de Antonina e Apucarantina, a escolha dos colaboradores de Mococa foi pela forma *isóg*.

K5**Gênero:** Masculino**TI:** Mococa

K5: *Ataide tóg siri ti vídeo jẽnẽ ja na kig ga. Kỹ isóg venh nha ki gam vere.*
 ‘O Ataíde mandou um vídeo. Então eu agora vou ver.’

Mỹ ke? Ā tỹ vídeo jẽnẽg mũ tag ve jé isóg kema ham vere.
 ‘Né? Então agora eu vou ver esse vídeo que você mandou.’

K6**Gênero:** Feminino**TI:** Mococa

K6: *Irmão, irmã ajag m̃y há kara? Inh m̃y nóg séré tĩ gé siri [...]*
 ‘Irmão, irmã todos estão bem? Estou feliz [...].’

Isũ tóg siri nhin ke k̃y nã gé, ti bateria tóg tũ’ e k̃y nã ham siri.
 ‘O meu está desligado, a bateria dele acabou.’

Kỹ isóg kara k̃y kahegan nũ há ke gé.
 ‘Depois eu vou recarregar.’

Finalizando as apresentações das três primeiras TIs mais ao norte do estado, temos a realização de 100% da forma *isóg*, considerada padrão pelas TIs paranaenses pesquisadas.

Em Queimadas, já nos deparamos com a variante *ijóg*, pronunciada pelos dois colaboradores, como podemos ver pelos textos de K7 e K8, com uma ocorrência cada.

K7**Gênero:** Masculino**TI:** Queimadas

K7: *Ajag m̃y há kara hamẽ?*
 ‘Todos vocês estão bem?’

Inh vễ hamẽ si tagki, ajag mág kara ham.

‘Sou eu, o maior (administrador) de vocês.’

Ajag vễ tũ pễ nễ e mũ rỹ, kỹ ijóg inh grupon hỹnỹ tũ e kãn rã há he mũ.

‘Vocês não estão falando muito, então eu acho que o meu grupo está acabando.’

K8

Gênero: Feminino

TI: Queimadas

K8: *Irmãos, Irmãs sér tóg tam kurã tag. Há ijóg ũri inh mỹnh hag ãn kã jễ nam.*

‘Irmãos, irmãs, esses dias estão sendo bons. Mas hoje estou na casa dos meus pais.’

Jagnễ mrẻ ěg tóg jễnjẻn sórm mam ũri, ěg mỹ sér tĩ kỹ.[...]

‘Nós vamos almoçar juntos hoje’

Nota-se que os K7 e K8 pronunciaram *ijóg*, em vez de *isóg*.

O que parece uma mudança vai se confirmando na TI Faxinal, onde encontramos novamente *ijóg*, falada pelos dois colaboradores, K9 e K10.

K9

Gênero: Masculino

TI: Faxinal

Pesquisadora: *Ã mỹ há? Mỹ ã jamã tá há?*

‘Você está bem? Está tudo bem onde você mora?’

K9: *Hỹ ỹ, há inh jễ. Ki ti há tĩ gé. ěg sinane hã mũ caso tóg kũfirmano tĩ gé, pandemia tag ti siri.[...]*

‘Sim, estou bem. Por aqui também está tudo bem. Só na cidade tem casos confirmados, com esta pandemia. [...]’

Pesquisadora: *Ã mỹ ěg vễ rán há nễ, ã hễ tá ki kanhrãn?*

‘Você sabe escrever em nossa língua?’

K9: *XXX, ha só tó pãgsĩ nễ gé, ka ijóg rán pãgsĩ nĩgtĩ gé.*

‘XXX, mas eu só leio um pouco, e também eu escrevo um pouco.’

Sỹ ki kanhrãn jãn tag vỹ tỹ bíblia tugrĩn ke nĩgtĩ.

‘Esse que eu aprendi um pouco foi por causa da bíblia.’

Bíblia tugrĩn inh ki kanhrãn gé, estuna ’he tĩ jễn. [...]

‘Aprendi por causa da bíblia, eu andava estudando. [...]’

K10

Gênero: Feminino

TI: Faxinal

Pesquisadora: *Ã mỹ há? Mỹ ã jamã tá há?*

‘Você está bem? Está tudo bem onde você mora?’

K10: *Hỹ ỹ, ha ijóg ha pễ jễ. Jã ã, ã há ki gé? Hãmễ*

‘Sim, mas eu estou bem. E você, também está bem?’

Tỹ inh Faxinal ki ke nễ.[...]

‘Sou daqui de Faxinal.’

Pesquisadora: Há **ijóg** há jê gé.

‘Mas também estou bem’

K10: *Ha tó katy tĩ e ma mĩ*. *Kuty tá ijóg si jornal ki vênh kaga tĩ mũ tag ti tĩ vỹn ke kãn ja hã ve gé siri...[...]*

‘Mas está ficando quieto, ontem de noite vi no jornal que essa doença está quase indo embora, só vi isso. [...].’

A análise a seguir (K11) é uma conversa com um Kaingang que não fazia parte do grupo de WhatsApp dos demais. Tivemos que procurar esse contato para levantar o fenômeno pesquisado e contemplar a metodologia de haver um homem e uma mulher de cada TI. A conversa aconteceu via WhatsApp.

K11	Gênero: Masculino	TI: Marrecas
------------	--------------------------	---------------------

Pesquisadora: *Ã mĩ há, ã tỹ hẽ tá ke nam?*

‘Tudo bem? De onde você é? Você estuda?’

K11: *Ha ijóg hán, há ijóg tỹ Maréka ki ke nĩ.*

‘Mas estou bem, mas eu sou daqui de Marrecas.’

Ha ijóg vênhrán tĩ, tã nánh kurso han tĩ mĩ’ *Mãné Rima tá.*

‘Eu estudo, estou faço curso em Manoel Ribas.’

Pesquisadora: *Hỹ, kỹ tóg há tĩ. Mẽ mĩ ajag magistério han tĩ mẽ?*

‘É, então está bom! Parece que vocês fazem magistério lá, né?’

K11: *Hỹ ỹ. Ha nóg tỹ tag hã nĩ my*’.

‘Sim. É isso mesmo.’

K12	Gênero: Feminino	TI: Marrecas
------------	-------------------------	---------------------

K12: *Irmão, irmã ajag mĩ há kara ham?*

‘Irmão, irmã, todos vocês estão bem?’

Vãhã ijóg ajag mré vỹ mãn ke ma ki gé.

‘É agora que estou falando com vocês de novo.’

Rãké ti nã ha ki gé. Queimadas kã ijóg jê gé, inh família ag mré ijóg huru nén sìn kãmẽ gé ham. Kỹ tóg inh mỹ séré tĩ gé.

‘Está tarde de novo. Estou aqui em Queimadas, comi alguma coisinha com a minha família. Então, também estou feliz. É agora que eu estou falando com vocês de novo.’

Nota-se que K11 e K12, que são da TI Marrecas, também pronunciaram *ijóg*, continuando a provável faixa em que se prefere esta variante.

A seguir, estão transcritas conversas individuais pelo WhatsApp, ou seja, não foram conversas em um grupo, mas trata-se de contatos de um dos autores, ou seja, não precisaram ser procurados, como foi o caso de K11.

K13**Gênero:** Masculino**TI:** Ivaí

Pesquisadora: Ā m̃ há, ā h̃ ri ke?

‘Você está bem, como você está?’

K13: *Ha ijóg há p̃ j̃. Jāvo ā?*

‘Estou muito bem. E você?’

Pesquisadora: Há inh j̃ gé. Jā ā m̃ vere ṽnhránrán t̃ em?

‘Também estou bem. E você está estudando ainda?’

K13: *H̃ ỹ. Ha ěg tóg venhránrán t̃n e m̃ m̃n vere. Kynh inhie Ivaí h̃ k̃ j̃. K̃ ěg tóg ke t̃n e m̃ my’, há ěg ne online taṽ he e ũ m̃’, [...]*

‘Sim. Mas não estamos mais estudando (presencial), por causa da pandemia. Então agora estou em Ivaí ainda. Então não está tendo aula, agora é tudo online, [...]’

K14**Gênero:** Feminino**TI:** Ivaí

Pesquisadora: Ā m̃ há?

‘Você está bem?’

K14: *Hā `ā. Ha kara ěg ñt̃ em. Inh família ag tó há ñt̃ gé.*

‘Sim. Mas estamos todos bem. Minha família também está bem.’

Inh ñ fi tóg inh kanhr̃n é. Jā inh panh tóg t̃y kanhgág p̃ t̃ ñ m̃’, t̃y tóg mestiço ñ m̃’.

‘A minha mãe me ensinava. E meu pai não é kaingang puro, ele é mestiço.’

K̃y tó ěg ṽ ũ... ha tó ěg ṽ ti tó t̃ tóg ũ ki kagt̃g ñgt̃ j̃. K̃y inh m̃ñ fi inh kanhr̃n k̃y ñgt̃.

‘Então ele fala nossa língua... mas ele fala nossa língua, mas às vezes ele não entende.’

Ēn tá ěm̃m̃ñ ja ra ěg si tagm̃ k̃m̃j̃ ěg m̃’, ěg t̃y ěn tá ěm̃m̃ñ já ra ěg si tagm̃ k̃m̃j̃ ěg m̃’.

‘Morávamos aí, mas voltamos para cá de novo.’

K̃y inh tagki aula kaingang to r̃ā s̃i han, ha inh ki kanhr̃n t̃n é j̃y. K̃y inh ěg ṽ ki ránrán ũ ñgt̃, véké isóg ũ h̃ā to ke há ñgt̃, jā isóg ránrán ki kagt̃g ñgt̃.

‘Então aqui estudei um pouco Kaingang, mas não entendia. Então não sei escrever na nossa língua, mas sei ler alguns, mas eu não sei escrever.’

Podemos perceber que K13 e K14 moram no mesmo lugar, TI Ivaí, mas temos a informação de que K14 morava onde mora a pesquisadora-entrevistadora, TI Apucarantina, onde a variante preferida é *isóg*. Então podemos deduzir que, devido ao contato e por ter convivido na TI Apucarantina, ele usa a variante padrão *isóg*.

Diante dessa informação, podemos afirmar que a faixa de uso de *ijóg* vai sendo ampliada e parece finalizar aqui, visto que, nas falas de K15 e K16, vemos o uso de *só*.

K15**Gênero:** Masculino**TI:** Rio das Cobras

K15: *Irmãos kaingang, só ajag mré ṽ m̃ñ kema ki gé ham̃ siri.*

‘Irmãos kaingang, então eu agora vou falar com vocês de novo’

Tagkã hamẽ siri, Rio das Cobras kã, inh jamãn hã vễ mỷn siri...[...]
'Aqui, em Rio das Cobras, então, é onde eu moro.'

K16

Gênero: Feminino

TI: Rio das Cobras

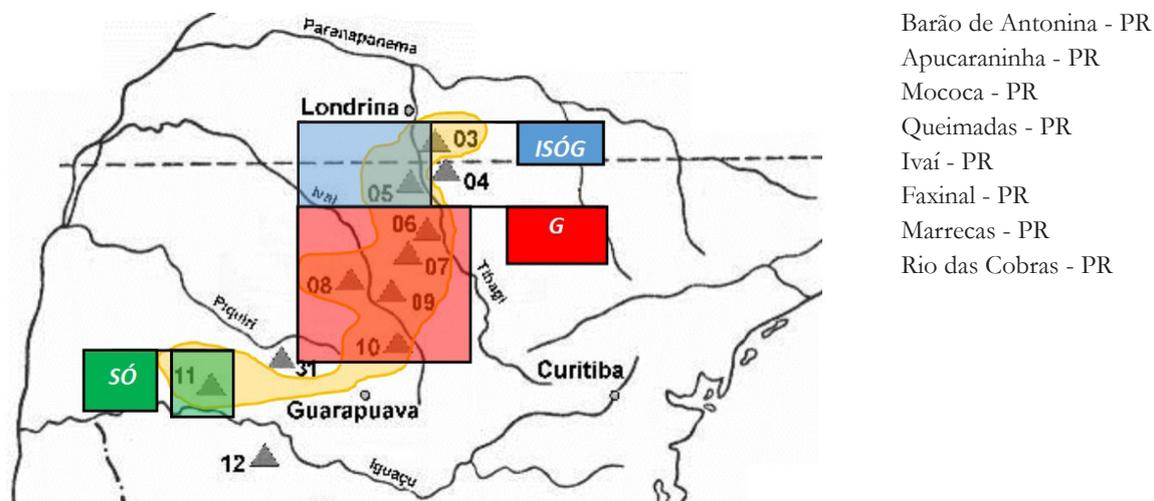
K16: Samuel ti vễ mễg tũ ẽg nóg nĩ em mẽ? Kỳ só ny em...
'Não estamos ouvindo a voz do Samuel né? Então, estou rindo.'

Vãhã inh mẽ sĩ han ha, nén ã...
'Agora estou escutando um pouquinho alguma coisa...'

Observa-se que K15 optou pela variante *só*. Na segunda análise, K16 pronunciou o mesmo que K15. Assim, os dois colaboradores da TI Rio das Cobras usaram a mesma variante *só*, abrindo possibilidade para o início de nova isoglossa.

Assim, podemos ver as isoglossas no mapa a seguir:

Figura 2 - Isoglossas das variações de *isóg*.



Barão de Antonina - PR
Apucarantina - PR
Mococa - PR
Queimadas - PR
Ivaí - PR
Faxinal - PR
Marrecas - PR
Rio das Cobras - PR

Fonte: elaborado pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo demonstrar, por meio de pesquisas realizadas pelo aplicativo WhatsApp, a variação regional da palavra *isóg* (eu) na língua Kaingang. Assim como todas as línguas, o Kaingang, com o passar do tempo e com o distanciamento geográfico, mudou e continua tendo mudanças linguísticas.

Como é uma pesquisa voltada para a variação, as bases teóricas foram escolhidas de acordo com as teorias que abordam esse tema, mais especificamente a variação diatópica.

Os principais resultados são que há variações lexicais nas terras indígenas pesquisadas, que são as TIs que estão localizadas nas regiões norte, centro-sul e oeste do Paraná, e que *só* e *ijóg* são variações de *isóg* e de *sóg*, formas consideradas padrão pelos falantes.

Com as análises feitas neste trabalho, podemos afirmar que nas TIs Barão de Antonina, Apucarantina e Mococa o fenômeno investigado *isóg* é pronunciado formalmente sem variação, com base nos depoimentos de colaboradores que falaram sobre o que é linguisticamente padrão e o que não é em Kaingang. Contudo, entendemos essa variante como padrão, pois, de acordo com as pesquisas feitas com professores e em materiais didáticos, a variante *isóg* é a forma escrita e também ensinada nas escolas de todas as TIs envolvidas.

Já nas TIs Queimadas, Ivaí, Faxinal e Marrecas, houve variação. Os Kaingang dessa região pronunciaram *ijóg*.

Por último, na Terra Indígena de Rio das Cobras, variou para *só*.

Não houve a pronúncia *sóg* pelos colaboradores escolhidos, o que talvez ocorra nas TIs paranaenses não escolhidas ou mesmo nos outros estados em que há TIs Kaingang.

As variantes *sóg* e *isóg* são faladas pelos mais velhos e, por isso, foram registradas no dicionário da língua Kaingang de Wiesemann (2011); em Val Florianiana (1920, p. 112), os termos registrados, conforme ortografia do próprio autor, são os seguintes: *IX, IJ, éix, ej, ex, áix - xan, je*, as formas *ixo'* e *xo* aparecem nas páginas 335 e 354, respectivamente (nas notas sobre a flexibilidade da língua Kaingang do Tibagi), donde se pode notar diferenças diacrônicas (passado um século da publicação) ou mesmo dialetais (tendo em vista que as TIs pesquisadas vão além do Tibagi).

Em Wiesemann (2011), somente encontramos a entrada *sóg*, com 194 exemplos na parte Kaingang-Português do dicionário e 12 na parte Português-Kaingang; não há, portanto, os verbetes *isóg*, *só* e *ijóg*, relacionados à 1ª pessoa do singular. Apesar de o dicionário não ter estas entradas, há 26 ocorrências de *isóg* em exemplos, na parte Kaingang-Português e nenhuma na outra parte do dicionário; há a entrada *só*, que remete a *sóv*, que significa, por sua vez, *lama, barro*. A construção *ijóg*, apesar não de aparecer no dicionário de Wiesemann (2011), é usada também no Kaingang para se referir a *meu pai (inh + jóg)*.

Acreditamos que, com este trabalho sendo divulgado para os colaboradores e publicado, seja o momento de muitos Kaingang passarem a diversificar o foco de interesse de suas pesquisas, despertando-os para a busca das raízes da língua falada no Brasil e de sua história ao longo dos últimos quinhentos anos, que podem ser encontradas, com muito mais força, na linguagem oral de falantes rurais mais idosos e moradores de comunidades mais afastadas.

REFERÊNCIAS

- ABBADÉ, Celina Márcia de Souza. Filologia e o estudo do léxico. *In: SIMPÓSIO NACIONAL*, 11.; SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGÜÍSTICA, 1., 2006, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: [s. n.], 2006. p. 716-721. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_244.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A Geolingüística no Brasil: estágio atual. *Revista da ABRALIN*, v. 5, n. 1 e 2, p. 215-238, dez. 2006.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Estudos geolingüísticos: caminhos seguidos no território brasileiro. *Lingüística*, Montevideo, v. 33, n. 1, p. 89-10, 2017. Disponível em <http://www.scielo.edu.uy/pdf/ling/v33n1/2079-312X-ling-33-01-00089.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2020.
- COSERIU, Eugenio. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *Terras indígenas Kaingang*. Campinas: Portal Kaingang, 2007. Disponível em: www.portalkaingang.org/Lgua_Kaingang.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.
- LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola, [1972].
- NIKULIN, Andrey. *Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo*. 2020. 595 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

RAZKY, Abdelhak; GUEDES, Regis José da Cunha; COSTA, Eliane Oliveira da. A Pesquisa Geolinguística em Áreas Indígenas Brasileiras: desafios e estratégias. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 21, n. 1, p. 126-138, 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/30107>. Acesso em: 15 ago. 2020.

SILVA, Thaís C. *Fonética e fonologia do português: roteiros de estudos e guia de exercício*. São Paulo: Contexto, 2007.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Tradução de Roberto G. Barbosa. Curitiba: UFPR, 2018.

TRASK, R. L. *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VAL FLORIANA, VAL FLORIANA, Frei Mansueto Barcatta de. *Dicionário Kaingang-Português*. São Paulo: Typologia do Diário Oficial, 1920. Disponível em: <https://archive.org/details/revistadomuseupa12muse/page/n389/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 15 dez. 2021.

WIESEMANN, Ursula Gojtéj. *Kaingang-Português Dicionário Bilingüe*. 2. ed. Curitiba: Evangélica Esperança, 2011.

APÊNDICE

Legenda

1	primeira pessoa	EXIST	existência	PL	plural
2	segunda pessoa	FUT	futuro	POSS	pronomes possessivos
3	terceira pessoa	HAB	habitualidade	PROGR	progressivo
ANÁF	anáfora	MS	marcador de sujeito	SG	singular
ASP	aspecto	NEG	negação	TERM	terminado
CONAT	conativo	OPT	optativo		
DEM	demonstrativo	PERG	pergunta		

K1

Inh hã vê gé siri, kÿ isóg siri ajag mré vÿ vânh han gé mÿn siri.
 1SG ser de novo certamente então 1SG.MS assim 2PL com falar poder fazer de novo para certamente
 ‘Sou eu de novo, então eu demorei falar com vocês.’

Kÿ isóg siri rânhräj jëgtÿ gé siri.
 então 1SG.MS assim trabalho em pé.HAB já certamente
 ‘Eu tenho um trabalho...’

Kÿ isóg siri inh kãkutë kÿ ajag mré vëmén nam ki gé siri.
 então 1SG.MS certamente 1SG sair então 2PL com falar CONAT já certamente
 ‘Então, estava falando com vocês quando eu saí... Escutem!’

Kÿ isóg “Ajag mÿ há kara?” henh siri...
 então 1SG.MS 2PL PERG bem todos dizer.FUT certamente
 ‘Então vou perguntar “Vocês estão bem?”’

K2

Ajag mré isóg si vëmén măn na ki gé hamë siri.
 2PL com 1SG.MS certamente falar de novo CONAT certamente
 ‘Estou falando com vocês de novo. Escutem!’

Hara isóg siri tag kã nÿ nÿg gamë, inh ãn kã ham.
 Mas 1SG.MS certamente DEM dentro ASP.sentado CONAT 1SG.POSS casa dentro “escutem”
 ‘Mas estou aqui sentada, em minha casa. Escutem!’

sinane tá kãtÿg kÿ isóg si nÿ nÿg gamë.
 cidade lá vir então 1SG.MS certamente ASP.sentado ASP.sentado CONAT
 ‘Estou vindo da cidade. Escutem!’

Topë jé ajag ve há hán ajag nÿtÿg já kara tá hamë. Kÿ hã vë.
 Deus MS.OPT 2PL cuidar 2PL morar TERM. todos lá CONAT então isso ASP
 ‘Que Deus cuide de vocês onde vocês moram. Escutem! Então é isso.’

K3

Ajag mÿ há kara irmão, irmãs? Ūri kurã tag to Topë jé ajag ki rÿr hamë.
 2PL PERG bem todos irmão irmãs hoje DEM em Deus MS.OPT 2PL cuidar CONAT
 ‘Irmãos, irmãs vocês estão todos bem? Que Deus possa cuidar de vocês nesse dia. Escutem!’

Kỹ isóg ajag mỹ tag tóm mamẽ.
então 1SG.MS 2PL para DEM falar CONAT
'Então, eu estou falando isso. Escutem!'

Kỹ isỹ ajag mỹ nén tónh ke mũ tóg ge nĩ hamẽ.
então 1SG.MS 2PL para coisa falar.FUT FUT ASP ANÁF é assim CONAT
Então é só isso que quero falar. Escutem!

K4

Grupo ajag mỹ há kara? Vãhã isóg ki vĩ mãn na kĩg gam. Jag mỹ há?
Grupo 2PL PERG bem todos agora 1SG.MS aqui falar de novo CONAT 2PL PERG bem
'Todos vocês estão bem, grupo? Agora que estou falando aqui de novo. Escutem! Vocês estão bem?'

Hỹ hỹnỹ, he isóg!
sim provavelmente dizer 1SG.MS
'Eu acho que sim, acho!'

K5

Ataíde tóg siri ti vídeu jẽnẽ ja na kig ga.
Ataíde MS certamente 3SG.POSS vídeu mandar TERM CONAT
'O Ataíde mandou um vídeu. Escutem!'

Kỹ isóg venh nha ki gam vere.
então 1SG.MS ver.FUT CONAT agora
'Então eu agora vou ver. Escutem!'

Mỹ ke? ã tỹ vídeu jẽnẽg mũ tag ve jé isóg ke ma ham vere
CONAT 2SG vídeu mandar ASP DEM ver FUT 1SG.MS FUT ASP CONAT agora
'Né? Então agora eu vou ver esse vídeu que você mandou. Escutem!'

K6

Isũ tóg siri nhin ke kỹ nã gé,
1SG.NEG MS certamente desligar ASP.deitado também
'O meu está desligado.'

ti bateria tóg tũ' e kỹ nã ham siri.
3SG.POSS bateria MS NEG sim então ASP.deitado já certamente
'a bateria dele acabou.'

Kỹ isóg kara kỹ kahegan nũ há ke gé.
então 1SG.MS todos então carregar ASP também
'Depois eu vou recarregar.'

K7

Ajag vĩ tũ pẽ nĩ e mũ rỹ,
2PL falar NEG muito ASP.sentado muito ASP
'Vocês não estão falando muito.'

Kỹ ijóg inh grupon hỹnỹ tũ e kãn rã há he mũ.
então 1SG.MS 1SG.POSS grupo provavelmente apagar tudo começar ASP
'então eu acho que o meu grupo está acabando.'

K8

Há ijóg ũri inh mÿnh hag ãn kã jẽ nam.
 bem 1SG.MS hoje 1SG.POSS mãe 3PL.F casa.em ASP.em pé CONAT
 ‘Mas hoje estou na casa dos meus pais. Escutem!’

Jagnẽ mré ěg tóg jẽnjẽn sórm mam ũri ěg mÿ sér tĩ kÿ.
 Um ao outro com 1PL MS comer.PL tentar CONAT hoje 1PL para feliz HAB então
 ‘Estamos tentando almoçar juntos hoje, escutem, para ficarmos felizes.’

K9

Ã mÿ ěg vĩ rán há nĩ, ã hẽ tá ki kanhrãn?
 2SG PERG 1PL língua escrever bem ASP.sentado 2SG tal qual aprender
 ‘Você aprendeu a escrever bem em nossa língua?’

XXX, ha só tó pãgsĩ nĩ gé, ka ijóg rán pãgsĩ nĩgtĩ gé.
 1SG.MS mas 1SG ler um pouco ASP.sentado também e 1SG escrever um pouco sempre também
 ‘XXX, mas eu só leio um pouco, e também eu escrevo um pouco.’

K10

Ã mÿ há? Mÿ ã jamã tá há?
 2SG PERG bem PERG 2SG morar aí bem
 ‘Você está bem? Está tudo bem onde você mora?’

Hÿ'ÿ, ha ijóg ha pẽ jẽ. Jã ã, ã há ki gé? hãra
 sim agora 1SG.MS bem ASP.em pé e 2SG 2SG bem também então
 ‘Sim, mas eu estou bem. E você, também está bem?’

Tÿ inh Faxinal ki ke nĩ.
 EXIST 1SG Faxinal em daqui ASP.sentado
 ‘Sou daqui de Faxinal.’

Há ijóg há jẽ gé.
 bem 1SG.MS bem ASP.em pé também
 ‘Mas também estou bem?’

Kuty tá ijóg si jornal ki vẽnh kaga tĩ mũ
 noite lá 1SG.MS certamente jornal em doença ir HAB
tag ti tÿ vÿn ke kãn ja hã ve gé siri...[...]
 DEM 3SG.M MS voltar de novo TERM ver também certamente
 ‘ontem de noite vi no jornal que essa doença está quase indo embora, só vi isso. [...]

K11

Ã mÿ há, ã tÿ hẽ tá ke nam?
 2SG PERG bem 2SG MS de onde
 ‘Tudo bem? De onde você é?’

Ha ijóg hãn, há ijóg tÿ Maréka ki ke nĩ.
 agora 1SG.MS fazer bem 1SG.MS MS Marrecas em daqui ASP.sentado
 ‘Mas estou bem, mas eu sou daqui de Marrecas.’

Ha **ijóg** vënhrán tĩ, tã nánh kurso han tĩ mÿ' Mãné Rima tá.
 agora 1SG.MS estudar HAB lá longe lá curso fazer HAB para Manoel Ribas lá em
 'Eu estudo, estou faço curso em Manoel Ribas.'

K12

Vãhã **ijóg** ajag mré vĩ mãn ke ma ki gé.
 agora 1SG.MS 2PL com falar de novo PROGR ASP
 'É agora que estou falando com vocês de novo.'

Rãké ti nã ha ki gé. Queimadas kã **ijóg** jẽ gé,
 tarde 3SG ASP.deitado de novo Queimadas em 1SG.MS ASP.em pé também
 'Está tarde de novo. Estou aqui em Queimadas.'

inh família ag mré **ijóg** huru nén sñn kãmẽ gé ham.
 1SG.POSS família 3M.PL com 1SG.MS já coisa pequena comer já
 'comi alguma coisinha com a minha família.'

K13

Ã mÿ há, ã hẽ ri ke?
 2SG PERG bem 2SG como
 'Você está bem, como você está?'

Ha **ijóg** há pẽ jẽ.
 agora 1SG.MS bem muito ASP.em pé
 'Estou muito bem.'

K14

Kÿ inh ěg vĩ ki ránrán ù nĩgtĩ, véké
 então 1SG 1PL.POSS língua em escrever.PL NEG sempre de qualquer jeito
 'Então não sei escrever na nossa língua.'

isóg ù hã to ke há nĩgtĩ, jã **isóg** ránrán ki kagtĩg nĩgtĩ.
 1SG.MS algum sim ler bem ASP.sentado.HAB mas 1SG.MS escrever.PL não saber ASP.sentado.HAB
 'sei ler alguns, mas eu não sei escrever.'

K15

Irmãos kaingang, só ajag mré vĩ mãn ke ma ki gé hamẽ siri.
 Irmãos Kaingang 1SG.MS 2PL com falar de novo PROGR em já
 'Irmãos kaingang, então, eu agora vou falar com vocês de novo'

K16

Samuel ti vĩ mẽg tũ ěg nóg nĩ em mẽ? Kÿ só ny em...
 Samuel 3SG.M.POSS VOZ escutar NEG 1PL MS ASP.sentado CONAT né então 1SG.MS rir CONAT
 'Não estamos ouvindo a voz do Samuel, né? Então, estou rindo.'